



A ÁGUA COMO ELEMENTO DE REFLEXÃO PARA O RESGATE DO FEMININO

Neusa Helena Barbosa*

*Ouve o barulho do rio, meu filho; deixa esse som te embalar.
As folhas que caem no rio, meu filho, terminam nas águas do mar.
Quando amanhã, por acaso faltar uma alegria no seu coração,
lembra dos sons dessas águas de lá, faz desse rio a sua oração...*
Marisa Monte e Arnaldo Antunes

A poesia acima traz uma imagem de um rio como oração e que embala aqueles que a ouvem. Como vimos, a água pode ser símbolo de alegria ou de tristeza, de vida ou de morte. Pode ser tranquila ou violenta, movimentada ou parada. Mas, desses pares de opostos, podemos fluir para outras reflexões como a que nos apresenta Capra (1982) ao estudar a filosofia oriental. No seu livro, *O Ponto de Mutação*, o autor faz uso de uma estrutura, desenvolvida no *I Ching*, que se baseia na ideia de uma contínua flutuação entre dois polos arquetípicos que sustentam o ritmo de todo o universo. São o *yin* e o *yang*, chamado pelos filósofos chineses de *Tao*.

Capra nos explica que o *Tao* tem uma natureza cíclica incessante entre o fluxo e a mudança. São polos opostos que fazem parte de um único todo e a ordem natural é um equilíbrio dinâmico entre eles. Não existe um bom e o outro não. O que é mal é o desequilíbrio entre ambos.

Nessa visão, o *yin* é associado ao feminino, o *yang* ao masculino e todos nós, homens e mulheres, temos as duas polaridades. Capra usa essa estrutura conceitual para ressaltar valores e atitudes culturais. O autor faz as seguintes associações:

- *Yin*: feminino, contrátil, conservador, receptivo, cooperativo, intuitivo e sintético.
- *Yang*: masculino, expansivo, exigente, agressivo, competitivo, racional e analítico.

A partir dessas associações, Capra (1982) afirma que:

Se atentarmos para essa lista de opostos, é fácil ver que a nossa sociedade tem favorecido sistematicamente o *Yang* em detrimento do *Yin* – o conhecimento racional prevalece sobre a sabedoria intuitiva, a ciência sobre a religião, a competição sobre a cooperação, a exploração de recursos naturais em vez da conservação, e assim por diante. Essa ênfase, sustentada pelo sistema patriarcal e encorajada pelo predomínio da cultura sensualista durante os três últimos séculos, acarretou um profundo desequilíbrio cultural que está na própria raiz da nossa atual crise – um desequilíbrio em nossos pensamentos e sentimentos, em nossos valores e atitudes e em nossas estruturas sociais e políticas. (op. cit., p. 37).

Esse pensamento predominante, segundo o autor, divide corpo e mente, razão e emoção, matéria e espírito e cria outras polaridades que se refletem no social, em homens e mulheres, negros e brancos, ricos e pobres, etc. Além disso, fundamenta a lógica de exploração da natureza pelos diferentes campos de interesse econômico e político.

Com a água, essa relação de exploração não é diferente da que ocorre com o feminino. Todos os dois aspectos, água e feminino, são ligados à geração da vida. Segundo Estés (1997), no sudoeste dos Estados Unidos, nas regiões hispânicas, existe uma simbologia na qual os grandes volumes de água representam o lugar de origem da vida. Nesse lugar, o rio é visto como a grande mãe:

Ele é considerado a mãe, La Madre Grande, a Grande Mulher, cujas águas não só correm nas valas e leitos do rio, mas que se derramam de dentro do corpo das próprias mulheres quando seus filhos nascem. (op. cit., p. 380).

A autora afirma que o rio simboliza uma das formas de generosidade feminina quando ele está vivo e flui, gerando e alimentando vidas. Assim como o feminino, a água é inclusiva, flexível, um ser de inter-relações por natureza. Por isso, ela é reconhecida como persistente, amorosa, complementar e receptiva.

Eisler (2007) busca uma explicação no argumento de que há evidências da divinização da fêmea, porque a natureza biológica da mulher está ligada ao parto e à sustentação dos filhos pela maternidade. Para a autora, existia uma associação muito forte do princípio feminino com as águas:

A associação do princípio feminino com as águas primevas é também um tema recorrente. Por exemplo, na cerâmica decorada da Europa Antiga, o simbolismo da água – muitas vezes associado ao ovo primevo – é uma figura

frequente. Nesse caso a Grande Deusa, por vezes na forma de Deusa pássaro ou serpente, reina sobre a força vivificante da água. (...) Sua imagem é também associada a vasilhames para água, (...) Como a Deusa NUT, ela é a unidade fluida das águas celestiais primordiais. Mais tarde, como a Deusa cretense Ariadne (a muito sagrada) e a Deusa Grega Afrodite, ela surge do mar. (op. cit., p. 64).

A água, com o seu forte apelo para relações simbólicas com qualidades tidas aqui como femininas, está relacionada a diversos valores. Um exemplo desses valores pode ser visto em um texto lançado pela Secretaria Nacional de Recursos Hídricos do Ministério do Meio Ambiente, em comemoração ao ano Internacional da Cooperação pela Água (2013). Trata-se de uma mensagem sobre a *Água e a Paz*, elaborada pela professora Vera Catalão (UNB):

A paz, como a água, é essencial na manutenção da vida na medida que respeita a diversidade de expressões da vida e da natureza complementar de seres diferentes. (...)

A humildade é outra qualidade pacífica da água, ou aquática da paz: a água coloca-se nos níveis mais baixos do relevo – quanto mais baixo coloca seu leito mais receptiva estende seus braços. O rio principal de uma bacia hidrográfica é o que mais baixo se encontra e pode receber e incluir outros. (BRASIL, 2013).

Parafraseando Catalão, diria que o feminino, como a água, é essencialmente manutenção da vida que a humildade e a persistência são qualidades aquáticas do feminino.

Os autores referenciados trazem a ideia de que um rio, em sua corredeira, faz a água circular e se recriar na interação e na troca, desperta paixões, é excitante e faz a vida entrar em ebulição. Em seus remansos, os rios geram tranquilidade e serenidade. No entanto, quando suas águas estão paradas, poluídas, causam exatamente o oposto, geram estagnação, doenças e morte. Se trouxermos essas características para o âmbito pessoal, percebemos que, quando paramos de criar e nos sentimos inúteis, a nossa autoestima é desvalorizada e cai, e nos sentimos estagnadas, sem brilho, sem energia, o que equivale a jogar veneno em um rio.

Envenenar as águas, destruir nascentes, poluir os rios, represá-los e não respeitar os caminhos das águas são consequências de uma visão de mundo que dessacralizou a natureza, separou a cultura do ambiente e gerou uma sociedade patriarcal, machista e antropocêntrica.

Como foi visto anteriormente, Boff (2000) afirma que vivemos uma crise de paradigma. Essa crise afeta o masculino e, conseqüentemente, a visão patriarcal que, para ele, radicalizou o antropocentrismo: a dominação total da natureza pelo ser humano, que se sente acima das outras formas de vida e apartado da natureza, gerando subordinação e violência:

Pelo fato de ser baseado na violência sobre a natureza, sobre as classes, sobre os países mais fracos, esse paradigma de desenvolvimento terminou, nos dias atuais, ameaçando o equilíbrio físico-químico do planeta Terra, destruindo florestas, contaminando a atmosfera e as águas, envenenando o solo e o subsolo; numa palavra gerando má qualidade de vida para os seres humanos e para toda a biosfera. (op. cit., p 100).

Com isso, Boff ressalta a emergência do novo paradigma, que virá com o resgate do princípio feminino, chamado por ele de religação. Essa é, para o autor, a grande tarefa civilizacional e a mais urgente. Ele chama atenção para o fato de que o princípio masculino/feminino é diferente de gênero, de sexo biológico. E afirma que é necessário ultrapassar a visão excludente e entender a sexualidade num outro nível:

Precisamos ultrapassar essa visão excludente e entender a sexualidade num nível ontológico, não como algo que o ser humano tem, mas como algo que ele é. O masculino não diz respeito somente ao homem, mas também à mulher. O feminino não ganha corpo apenas na mulher, mas também no homem. Esse feminino representa o princípio da vida, de criatividade, de receptividade, de enternecimento, de interioridade e de espiritualidade no homem e na mulher. Portanto, trata-se de um princípio inclusivo e seminal que entra na constituição da realidade humana. (op. cit., p. 105).

O resgate do princípio feminino é, pois, um desafio à cultura machista. Por pensar na economia da vida e na sua sustentabilidade, ele não leva em conta o desenvolvimento somente no plano econômico e social. A cultura patriarcal ainda hoje é extremamente preponderante e, por isso, a dificuldade em superá-la; porém, já se percebe que há sinais de desintegração e de novas conversações que poderão colaborar com a mudança de paradigma preconizada por Boff, que entende a atual crise como civilizatória:

O homem-varão é chamado a revisitar sua *anima* e, junto com o *animus*, construir uma história de integração, de panrelacionalidade e de sinergia. Não se definirá mais pela condição sexual (casado, solteiro, divorciado, heterossexual, homossexual, bissexual etc.), mas pelas características da

personalidade, feminina/masculina, solidária, cooperativa, antiautoritária e aberta a novas sínteses. (op. cit., p. 111).

É preciso também, e principalmente, um novo olhar sobre a água para que possamos nos reconectar com a natureza, entendendo que somos seres de água e que, sem ela, nada florescerá. Essa reconexão foi bem explicitada no prefácio da publicação do evento *Voz das Avós no fluir das águas*:

... “compreendemos que ressoa no mundo uma urgência de reconexão com os significados essenciais da vida, para que juntos sejamos capazes de cuidar do planeta Terra e do bem viver da humanidade”. (*Voz das avós no fluir das águas*, p. 05. 2012).

... A água, no fluir de seu ciclo, percorre toda a terra e todos os corpos, desde o início dos tempos, nos conectando a todos que vieram antes de nós. A água integra o território, que é o lugar onde a identidade e a cultura de um povo se constituem e se sustentam. E nesse fluir das águas os rios abrem-se, naturalmente, para outros rios: ocorre o encontro de águas que se integram e criam percursos comuns. (Ibidem, p. 05).

... Nós, seres humanos, somos “bebês da água”, porque nossa vida começa na água, na placenta das nossas mães. A água, portanto, está ligada ao feminino e ao sagrado ventre materno. As mulheres são amigas da água, pois a preservam dentro do seu próprio corpo para poder dar à vida. (...) A água é o leite materno da Terra, estando a alegria, o bem-estar e o prazer intrinsecamente ligados a esse elemento. (Declaração da Água¹, Ibidem, 2012, p. 64).

O evento *Voz das Avós no fluir das águas* reuniu em Brasília, em outubro de 2011, um grupo de avós internacionais e brasileiras, detentoras de conhecimentos tradicionais, com o propósito de partilhar saberes, celebrar a paz e a sustentabilidade das relações humanas. Essas "Avós" reconhecem diversas dimensões da água, física, biológica e cultural e simbolicamente a consideram o leite materno da Terra.

É preciso reconhecer nessa sabedoria ancestral a verdade nela contida e reconhecer a inter-relação entre a água e o feminino e a identidade da mulher com a natureza.

Minicurrículo da autora

Neusa Helena Barbosa – Servidora pública, graduada em Serviço Social, especialista em alfabetização, em educação emocional e em jogos cooperativos. Mestre em Educação, na linha de Educação Ambiental.

1 – Declaração da Água, 2012. Publicação do Evento a Voz das Avós no Fluir das Águas, Brasília-DF.